

O GRAFITE COMO MEIO DE TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM URBANA CONTEMPORÂNEA.

THÖLKEN, Aline Reche.¹

GUILHERME, Ruth Maria Fassina.²

BAVARESCO, Sciliane Sumaia.Sauberlich.³

RESUMO

Este artigo está sendo realizado como o objetivo de apresentar a respeito das transformações visuais que o grafite causa na paisagem urbana, com a evidencia de como essa arte pode contribuir para o local em que é inserida, tendo como base as cidades do período contemporâneo, assim o conteúdo foi fundamentado primeiramente com suas definições e normativas. Buscando o assunto por meio da pesquisa bibliográfica como metodologia utilizada, com a classificação teórica, sobre os estudos já realizados em relação ao tema.

PALAVRAS-CHAVE: Grafite, Paisagem Urbana, Pichação, Mudança Visual.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende responder se é possível através do grafite recuperar a paisagem urbana poluída visualmente, sendo ele o agente de transformação visual do espaço, para alcançar o objetivo será primeiramente fundamentado o conteúdo sobre a diferença do grafite e pichação, e suas normativas, e a paisagem urbana.

Segundo Lopes (2011) o grafite e a pichação são ainda confundidos, por causa de sua mesma origem. Na presença da paisagem urbana o grafite engloba várias reações visuais, sendo feita pelo contexto histórico e social, com integração local que é inserida, diferente da pichação que não tem nenhuma relação estética visual, e estão mais associados a atos de vandalismos.

Segundo Cascardo (2012), o grafite tem se espalhado pelas metrópoles, revolvendo uma arte para os habitantes, sendo alvo de tensões sociais, criando vários estilos de estruturas culturais, aparecendo de forma espontânea, pretendendo revelar conceitos do próprio mundo artístico, assim demonstrando seus objetivos e interesses em cima de cada obra.

O graffiti dialoga com a cidade, na busca não da permanência, enquanto significado de arte consagrada de uma época, mas de expansão, da arte que exercita a comunicação e faz

¹Aluna do sexto período do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: aline_rechetholken@hotmail.com.

²Aluna do sexto período do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: ruth-guilherme@hotmail.com.

³Arquiteta, professora orientadora, docente do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz, Cascavel – PR. Pós-Graduada em Arquitetura Paisagística pela Fundação Assis Gurgacz, Cascavel - PR e em Design de Interiores pela Universidade Paranaense, Cascavel – PR e pós-graduanda em Arquitetura de Hospitais, Clínicas e Laboratórios pelo Instituto Brasileiro de Educação Continuada, Foz do Iguaçu – PR. E-mail: sciliane@hotmail.com

propostas ao meio, de forma interativa. As cidades não são só o suporte, mais os tons das tintas e os movimentos todos do surpreendente imaginário humano (GITAHY, 1999, p.75).

Portanto desde que autorizado, o grafite não é vandalismo, apesar do preconceito essa visão tem mudado, e vem sendo apresentada de forma mais compreensiva, realçando os valores sociais, contribuindo para a cidadania coletiva e buscando a redução da criminalidade com sua própria inserção de maneira apropriada, através da comunicação artística urbana. (CASCARDO, 2012)

A partir dessa colocação o trabalho será construído como a interação dessa arte, sobre sua capacidade de transformar a paisagem urbana.

2. FUDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 GRAFITE E A PICHAÇÃO

A palavra grafite segundo Gitaly (1999), significa inscrição, originalmente da Itália, como graffite, surgiu da designação de desenhos de épocas antigas, feitos com carvão, em rochas e paredes.

“Pode-se considerar como uma forma de grafite tudo o que já foi citado (pinturas pré-históricas, relevos mesopotâmicos, afrescos egípcios” (NOGUEIRA, 2009, p. 1).

Perante a visualização sobre grafite e pichação, Honorato (2009), apresenta as diferenças, constituídas pelas expressões e informações gráficas particulares e caracterizam-se de manifestações no ambiente público, sendo o grafite a arte menos nociva à paisagem urbana, pelo fato de ser composto pela formação de pensamentos transformados em desenhos, e as pichações por processos sem finalidade de beleza estética.

Conforme Tavares (2010), a compreensão do grafite não se dá totalmente pela arte exposta nos muros, é necessário analisar toda a situação, tida como nome a intervenção, assim a diferença do grafite para a pichação é dada principalmente pelo tipo de figuração, de fato o primeiro usa de personagens anônimos e o segundo sendo caracterizado principalmente de uma fonte tipográfica que consiste como rabiscos espontâneos para leigos.

[...] acredita-se que o grafite seja parte integrante da paisagem urbana. Desde quando o homem passou a se organizar em grupos, o grafite existe como forma de expressão. Se ainda considerarmos grande parte da arte antiga como uma espécie de grafite (os relevos e pinturas murais dos homens pré-históricos e dos egípcios e mesopotâmicos), teremos a legitimação de que uma parte considerável da arte é composta por grafite (NOGUEIRA, 2009, p. 7).

Geralmente quem pratica a pichação não tem um conhecimento artístico profissional, e possuem carências diversas, como a justiça social, seus desenhos são menos elaborados, mas mesmo assim são inseridos na paisagem urbana (figura 1), principalmente nas periferias (OLIVEIRA, 2012).

Figura 1 – Muro pichado em residência Londrina, Paraná.



Fonte: Martins e Yabushita (2006)

O grafite, [...] também pode ser entendido como materialidade simbólica e cultural de paisagens emergentes. Nessa perspectiva, entendemos que pode proporcionar outro referencial paisagístico à cidade, fazendo frente à construção monótona, linear, monocromática e sem horizonte das grandes cidades. Ele expõe na paisagem urbana imagens em que o lúdico e a fantasia se fundem em um mundo utópico, no qual o multicolorido é a regra, a profusão de cores e formas quebra a noção geometrizada dos espaços hegemônicos. Ainda como representação de paisagem emergente, podemos analisar o grafite como elo entre as pessoas e o lugar: estimulador de uma nova apropriação da paisagem urbana, ressignificando a noção de pertencimento da população local ao lugar, sobretudo nas periferias das cidades (SHISHITO, 2017, p. 22).

Conforme Spinelli (2007), a pichação e o grafite têm bases do movimento hip-hop, que inclui o grafite, como forma de se expressar, com desenhos formados por siglas, nomes e pinturas, sendo tridimensionais e coloridos, com a intenção de fazer uma determinada mudança visual de cunho artístico no espaço grafitado, passando uma mensagem, sem perder o foco do tema a ser estetizado.

O Pixa, a pixação ou pichação é uma técnica de comunicação visual urbana desenvolvida por jovens e adultos que marcam as cidades com frases de protesto ou insulto, assinaturas pessoais, declarações de amor ou como forma de demarcações de territórios e grupos, às vezes gangues rivais. [...] Pixa é o ato de escrever ou rabiscar sobre muros, fachada de edificações, asfalto de ruas ou monumentos, usando tinta spray aerossol, dificilmente removível, estêncil ou mesmo rolo de tinta, assim, podem danificar economicamente os imóveis públicos e privados, no entanto, desacomodam a estética e a ética urbana vigentes (HYPOLITO, 2017).

Para Tavares (2010), o grafite expõe na paisagem urbana imagens em que o lúdico e a fantasia se fundem em um mundo utópico, no qual o multicolorido é a regra, a profusão de cores e formas quebra a noção geometrizada dos espaços hegemônicos. Ainda como representação de paisagem emergente, podemos analisar o grafite como elo entre as pessoas e o lugar: estimulador de uma nova apropriação da paisagem urbana, ressignificando a noção de pertencimento da população local ao lugar, sobretudo nas periferias das cidades.

O material básico tanto para o grafite quanto para a pichação é a tinta em spray, a qual ingressa no Brasil, conforme registros, a partir dos anos 50. Descendente da tinta usada sob pressão de uma bomba compressora, como a utilizada na pintura automotiva, o spray permite maior liberdade de movimentos e maior velocidade (CRUZ e COSTA, 2008).

Destacando como exemplo Lopes (2011) afirma que, a aparição de programas que usam do grafite (figura 2) como meio para se expressar é atualmente mais concebido, marcados como arte e como forma de capacitação que reforça a ideia da transformação do conceito em relação ao grafite, não sendo mais visto como ato de vandalismo.

Figura 2 – Grafite no Espaço cultural Renato Russo, Brasília.



Fonte: Lopes (2011)

2.2 NORMATIVAS DO GRAFITE

A arte que se expressa como uma violência em sentido com palavras, partindo do hip-hop, como expressão artística e visual, a sociedade e o Estado entram para limitar a arte de grafitar, como explica o autor a seguir.

A marginalidade no pichador é perceptível sob diversos aspectos. No âmbito jurídico, o pichador é marginal quando a prática da pintura urbana pode levá-lo à delegacia, assim como a responder processos. Não é de praxe prender quem picha e grafita a cidade, sendo que as penas aplicadas sejam compostas por, em geral, multa e trabalhos comunitários (SPINELLI, 2007).

“O grafite é reconhecido como obra de arte, contudo o ato de pichar é crime, segundo o Art. 6º da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, podendo levar o autor de 3 meses a 1 ano de prisão ou pagamento de fiança e serviços sociais” (FERNANDES e BARBOSA, 2014).

Segundo o Art. da Lei de Crimes Ambientais - Lei 9605/98

Art. 65. Pichar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano. § 1º Se o ato for realizado em monumento ou coisa tombada em virtude do seu valor artístico, arqueológico ou histórico. § 2º Não constitui crime a prática de grafite realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário e, quando couber, pelo locatário ou arrendatário do bem privado e, no caso de bem público, com a autorização do órgão competente e a observância das posturas municipais e das normas editadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional (Incluído pela Lei nº 12.408, de 2011).

2.3 O GRAFITE NA PAISAGEM URBANA

Para Cullen (1983), o que define paisagem urbana é a organização das cidades, criando uma percepção visual harmoniosa dos elementos constituintes, como as ruas e os prédios, conceito refletido nos arquitetos e urbanistas desde 1960, por conta dos jogos de elementos criando formas que causam reações emocionais perceptíveis aos observadores.

“O espaço visual da cidade se altera, ganha uma outra dimensão pela ação de grupos ou indivíduos que por ali passam e imprimem sua marca. O muro vira mural suporte para manifestações de todo e qualquer cidadão” (RAMOS, 2007, p. 43).

Tavares (2010), apresenta que a partir de 1982, a ação de grafitar é aceita no Brasil, considerada formas de manifestação artística assim existem exposições e galerias específicas, mas as construções e muros são contexto para realizar o grafite, os pichadores diferentes dos grafiteiros, não respeitam os desenhos já existentes e grafam em cima, para demonstrar domínio de lugar, quanto mais visíveis ou altos, mais disputados se tornam, desse modo demarcam seu território, se misturando com o emaranhado de publicidades da paisagem urbana, por ter a relação com o local, essa arte fica descontextualizada em museus.

Ainda que de aparência globalizada, percebemos a importância do uso dessa linguagem em contextos diferentes. No geral, esse se tornou um instrumento de protesto ou transgressão aos valores estabelecidos. Mas para além dessas considerações, já bastante óbvias, temos que perceber suas sutis diferenças e conquistas nesses mais de trinta anos de performance. Ainda que todos tenham de maneira direta ou indireta conexão com os projetos urbanistas estipulados já desde 1933, na Carta de Atenas, e com as políticas culturais que estabeleceram os museus e galerias como espaços da obra de arte, as políticas e os meios ocupados pelos grafiteiros são diferentes no tempo, espaço, sujeitos e discurso; trens para uns, muro de repressão para outros, túneis e vias de acesso rápido para outros. Além disso,

alguns grafiteiros não se intimidam e ocupam também os símbolos de dominância, tais como monumentos ou o topo dos prédios mais altos da administração (RAMOS, 2007).

A pichação é o primeiro passo para sair do silêncio social, enquanto o grafite já tem a intenção de comunicação com o outro. O ponto comum é que ambas são manifestações subjetivas que também compõem um gesto de denúncia da exclusão social e de busca por visibilidade. Pensar o grafite como escrita inserido no contexto da cidade, o direciona como escrita urbana, que também pode ser considerado como um ícone, do qual se observa a duração precária e instável, a fuga a norma padrão e uma aproximação com a linguagem coloquial (SANTOS, 2010).

O que nos cabe, enquanto cidadãos que vivenciam esta forma de expressão, é compreendê-la enquanto manifestação humana, o que nos permitirá a não-repressão a esta atividade, que comparada às diversas formas de violência que assistimos no nosso dia-a-dia, como a política, a social e a ecológica, deixa de ser uma barbárie (GITAHY, 1999, p. 23).

Segundo Tavares (2010), as artes grafitadas geram reações negativas, se há presença de dificuldade em compreender a sequência dos elementos que ditam as ordens de representações de fantasias que distinguem do belo de senso comum, assim são criadas como as irrealidades urbanas, assim, de acordo com cada época é formado uma unidade idealizada pelos grafiteiros, formando brechas de um universo único, onde o real e a imaginação se permutam.

É possível ver como o grafite está fortemente relacionado com questões além de simples caos urbano ou mesmo de caráter decorativo que alguns desenhos assumem. Pela efemeridade, pela necessidade de arrumar uma forma de protesto e também por acreditar que aquilo irá afetar a sociedade, ele se assemelha muito ao modo de ação situacionista.[...] é o caso da pessoa que irá pichar o prédio do governo e tentar realçar seu aspecto mais irreal perante a sociedade ou o que grafita um enorme desenho multicolor em um esgoto ou tapume de uma velha construção caindo aos pedaços e ressignifica aquele espaço (NOGUEIRA, 2009).

O grafite em excesso contribui para a poluição visual das cidades, se não respeita um plano histórico e arquitetural como o autor explica a seguir.

O que para alguns pode ser considerado poluição visual, para outros é apenas um reflexo lógico das novas formas de habitar um ecossistema urbano pós-moderno, profundamente marcado pela economia capitalista de mercado e seus devidos elementos iconográficos e vídeo-lúdicos (SPINELLI, 2007).

Para Tavares (2010) o grafite, quando analisado por outro ângulo, também pode ser entendido como materialidade simbólica e cultural de paisagens emergentes. Nessa perspectiva, entendemos que pode proporcionar outro referencial paisagístico à cidade, fazendo frente à construção monótona, linear, monocromática e sem horizonte das grandes cidades.

3. METODOLOGIA

O desenvolvimento do artigo teve como base metodológica a pesquisa e revisão bibliográfica, explicada segundo o autor a seguir:

[...] quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. (PRODANOV, 2013, p. 54)

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Para contestar no artigo, os seguintes autores assumem o papel da análise gerada como resposta à discussão, procurando se é realizável mudar a paisagem urbana, fazendo o uso da arte apresentada no presente trabalho, considerando assim, um local antes degradado, dessa forma Cascardo (2012), apresenta que a arte do grafite vem sendo apresentada em novos locais, além de simples muros, são expostas também em fachadas residenciais e comerciais, isso mostra sua valorização, deixando os espaços contemplativos e interativos, por suas cores e com seu estilo próprio. A busca por analisar o que esses espaços geram na paisagem urbana, como forma visível é aparentemente ressaltada, isso se dá pelo fato do assunto estar presente na maioria dos meios de comunicação, ter grandes referências, informações e programas a seu respeito, sendo assim, pode-se comparar com a arquitetura, como uma arte sem fuga, pois estão diretamente no meio público, tornando a paisagem dos caminhos cotidianos uma arte que pode ser contemplada por todos, independentemente de sua faixa etária ou classe social.

Conforme Paulussi (2014), o grafite não é mais considerado como crime há tempos, desde que autorizado, é visto sendo uma linguagem visual urbana que se solidificou, adquiriu status como arte e uma solução contra o cinza predominante do concreto das construções.

O grafite expande-se aceleradamente pelas cidades, transformando a paisagem urbana e iniciando uma cultura nova e visual, ele também está inserido nas várias informações que formam a paisagem urbana, como em banners, outdoors e propagandas, com tal características que proporciona aos indivíduos da urbe, uma rotina de imagens para os que as notam, que se dá por consequência ao movimento metropolitano. Desse modo um local simples, na paisagem urbana como um muro, ou

uma casa é possível mudar completamente o significado visual do lugar, até mesmo em áreas abandonadas, tornar-se uma obra de arte surpreendente. (RODRIGO, 2011)

Para Silva (2013), a arte de grafitar conquistou um espaço inovador no meio urbano, por transformar através da subjetividade as relações estéticas, sociais e artísticas existentes, se relacionando com o pensamento do indivíduo atualmente, pois é uma arte propriamente para a rua, por suas influências, mostrando seu trabalho como linguagem própria que a cidade proporciona. Dessa maneira a transformação sequencial que participa a interface urbana permite observar como as pessoas valorizam e percebem a estética da urbe, e por tanto as alterações feitas pela perspectiva estética do grafite evidenciam um processo difuso na paisagem urbana.

Desse modo para exemplificar a mudança que o grafite causa na paisagem urbana, é apresentado como exemplo, o antes e o depois de um mural grafitado, que segundo Bartholini (2016), a arte foi produzida pelo artista Kobra, em 2016 e está localizado na Orla Conde, no Rio de Janeiro, em frente à Parada dos Museus do VLT, é uma ação concreta da mudança visual da paisagem urbana, analisando o local (figura 3) antes da transformação.

Figura 3 – Armazém 4 do Cais do Porto.



Fonte: Bartholini (2016).

A partir dessa edificação foi realizado o grafite, como relata Stamm, (2016), com área equivalente a 2,5 mil metros quadrados, sendo encomendada pelo para representar, como uma obra da Olimpíada Rio 2016, (figura 4) sendo este um grafite propriamente característico por apresentar muitas cores, luzes e sombras, com desenhos tridimensional, que interage com o público.

Figura 4 – Mural “Todos Somos Um”.



Fonte: Bartholini (2016)

A transformação desse local, foi segundo Indio (2016), reconhecido pelo “Guinness world records” (livro dos recordes) como o maior grafite do mundo (Figura 5), provando o reconhecimento dessa arte, assim como o próprio Kobra cita para a fonte.

Eu vi a intenção da prefeitura de ocupar vários prédios da região, transformando a área ali em uma galeria de arte a céu aberto. Achei isso superimportante porque faz a opção de uma coisa bem democrática na arte. Estilos diferentes, linguagens diferentes. Acho que para o público é bem interessante. Esse muro fica como legado para a cidade. (INDIO, 2016)

Figura 5 – Visitantes no mural “Todos Somos Um” durante as Olimpíadas Rio 2016.



Fonte: Venerável (2016).

Por tanto observa-se que o valor do grafite, é fundamental, interferir na forma paisagem urbana atualmente, como afirma Cascardo (2012), afirmando também que podasse tratar o grafite como um estilo artístico completo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo realizou um levantamento teórico sobre as mudanças visuais que o grafite causa na paisagem urbana. Assim ficou claro que, como arquitetura, o grafite é exposto nas cidades para todas as pessoas, e pode-se concluir que é um agente transformador da paisagem urbana deixando-a visualmente mais atraente, fazendo com que os espaços tenham mais fluidez, para que todos disfrutem do cenário da urbe mais colorida e com vida.

Por tanto cidades são mais que suportes para o grafite, independentes de suas dimensões, elas são locais que se transformam a todo tempo, sem que se possa ignorar as suas mudanças, sendo considerado como obra de arte, sendo permitida por lei, diferente da pichação que é ato de vandalismo, assim tudo o que aparece no meio público da cidade pertence a paisagem urbana, por tal circunstancia o grafite, é uma das melhores maneiras de revitalização visual desse espaço, deixando esteticamente mais atraente e agradável aos olhos humanos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei 9605, de 12 de fevereiro de 1998.** “Dos Crimes contra o Ordenamento Urbano e o Patrimônio Cultural”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9605.htm> Acesso em: 28 set. 2017.

BARTHLINI, B. Kobra na Orla Conde. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em <<http://portomaravilha.com.br/noticiasdetalhe/4578>> Acessado em: 10 nov. 2017.

CASCARDO, A. B. S. **Grafite contemporâneo: da espontaneidade urbana à sua cooptação pelo mundo da arte.** Revista Musear, 2012. Disponível em: <<http://www.museologia.ufop.br/musear/wp-content/uploads/2012/06/9-Grafitecontemporaneo-da-espontaneidade-urbana-a-sua-cooptacao-pelo-mundo-da-arte.pdf>> Acessado em: 15 out. 2017.

CULLEN, G. **Paisagem urbana.** Ed. 70, São Paulo, editora Martins Fontes, 1983. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/167551350/Paisagem-Urbana-Gordon-Cullen>> Acesso em: 8 set. 2017.

CRIOLO. **Graffiti em SP: Tendências Contemporâneas.** 1ª ed. Rio de Janeiro, editora Aeroplano, 2013. Disponível em: <http://acaoeducativa.org.br/wpcontent/uploads/2013/10/Graffiti_em_SP_o_livro.pdf> Acessado em: 1 nov. 2017.

CRUZ, D. M.; COSTA, M. T. **Grafite e Pichação – que comunicação é esta?** Revista Linhas, v. 9, n.2, Florianópolis, 2008. Disponível em: <www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/download/1351/1158.pdf> Acessado em: 25 out. 2017.

FERNANDES, L. D.; BARBOSA, J. G. M. **Pichação como manifestação cultural: arte ou vandalismo?** I Simpósio Mineiro de geografia: das diversidades á articulação geográfica, Universidade Federal de Alfenas-MG, Minas Gerais, 2014. Disponível em: <<http://www.unifal-mg.edu.br/simgeo/system/files/anexos/Larissa%20Dutra%20Fernandes.pdf>> Acessado em: 13 nov. 2017.

GITAHY, C. **O que é Graffiti**. 1ª ed. São Paulo, editora Brasiliense, 1999. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/157954673/Celso-Gitahy-O-que-e-grafite-Livro>> Acesso em: 20 set. 2017.

HONORATO, G. **Grafite: da marginalidade às galerias de arte**. Paraná, 2008/2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1390-8.pdf>> Acessado em: 30 out. 2017.

HYPOLITO, B. B.; ROCHA, E. **Pixo: Revista de Arquitetura, cidade e contemporaneidade - escritas urbanas**. [Editorial]. Cidade + Contemporaneidade, v.1, n.1, Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em: <<https://issuu.com/edurocha/docs/numero1.compressed>> Acessado em: 20 set. 2017.

INDIO, C. **Mural Etnias, de Kobra, entra para o Guinness como maior grafite do mundo**, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2016-08/mural-etnias-de-kobra-entra-para-o-guinness-como-maior-grafite-do-mundo>> Acessado em: 20 set. 2017.

JESSICA VENERÁVEL. **A nova cara do rio – praça Mauá, Museu do Amanhã e a Moderna Zona**. Disponível em: <<http://deixadefrescura.com/2016/10/praca-maua-rio-de-janeiro.html>> Acessado em: 5 nov. 2017.

LOPES, J. G. V. **Grafite e Pichação: os dois lados que atuam no meio urbano**. Monografia Faculdade em Comunicação Social - FAC, Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2011. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3824/1/2011_JoanaGoncalvesVieiraLopes.pdf> Acessado em: 5 nov. 2017.

MARTINS, J. B. **Ruídos na Cidade Pichações na Cidade de Londrina**. – Aproximações. Revistas Científicas de América Latina, Athenea Digital, num. 9, Londrina, 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/537/53700902/>> acessado em: 11 out. 2017.

NOGUEIRA, C. **A (im)permanência do traço: rastro, memória e contestação**. In: PRACS, Revista Eletrônica do Curso de Ciências Sociais, UNIFAP, N° 2, 2009. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/153248865/35-160-1-PB>> Acessado em: 25 out. 2017.

OLIVEIRA, R. A.; ZORZO, F. A.; SOUZA, A. W. S. **Linguagens visuais dos pichadores e grafiteiros em Alagoinhas-BA**. III Encontro baiano de estudos em cultura, III EBE CULT, UFRB, Bahia, 2012. Disponível em: <<http://www3.ufrb.edu.br/ebecult/wpcontent/uploads/2012/04/Linguagens-visuais-dos-pichadores-egrafiteiros-em-Alagoinhas-BA.pdf>> Acessado em: 2 nov. 2017.

PAULUSSI, E. **F10 cidades onde o grafite virou patrimônio cultural**. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://gq.globo.com/Prazeres/Design/noticia/2014/02/10-cidades-onde-o-grafite-viro-u-patrimonio-cultural.html>> Acessado em: 2 nov. 2017.

PRODANOV, C. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª ed. Novo Hamburgo, editora Feevale, 2013. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/206382842/Livro-Metodologia-do-Trabalho-Cientifico-metodos-e-tecnicas-de-pesquisa-e-do-trabalho-academico-2-ed-Prodanov-Freitas-2013>> Acesso em: 20 out. 2017.

RAMOS, C. M. A. **Grafite & pichação: por uma nova epistemologia da cidade e da arte**. 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais, Florianópolis, 2007. Disponível em: <<http://www.anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/127.pdf>> Acesso em: 9 set. 2017.

RODRIGUES, L. N. B. **O grafite: a transição de uma expressão marginal das ruas de Goiânia para uma arte conceitual incorporada ao mercado**. Goiânia, 2011. Disponível em: <https://anais.cienciassociais.ufg.br/up/253/o/Livia_Nunes_Borgres_Rodrigues.pdf> Acessado em: 2 nov. 2017.

SANTOS, T. M. **Grafite: a leitura dos muros**. VI Enecult – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Facom - UFBA, Salvador, 2010. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/wordpress/24406.pdf>> Acessado em: 18 out. 2017.

SHISHITOA, A. A. **A Nova Geografia Cultural de Cosgrove e o grafite como proposta de entendimento da paisagem**. Revista Geografia e Pesquisa, Ourinhos, v. 11, n. 2, p. 22, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp. São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://vampira.ourinhos.unesp.br/openjournalssystem/index.php/geografiaepesquisa/article/viewFile/290/200>> Acessado em: 15 nov. 2017.

SILVA, J. M. R. **Grafite e pichação: do caos visual à estética urbana Brasília**. Brasília, 2013. Goiânia, 2011. Disponível em:<https://anais.cienciassociais.ufg.br/up/253/o/Livia_Nunes_Borgres_Rodrigues.pdf> Acessado em : 2 nov. 2017.

SPINELLI, L. **Pichação e comunicação: um código sem regra**. Logos26: comunicação e conflitos urbanos. 2007. Disponível em: <<http://www.logos.uerj.br/PDFS/26/08lucianospen.pdf> > Acessado em: 17 out. 2017.

STAMM, M. **Maior pintura em mural do mundo é inaugurada no Boulevard Olímpico**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/maior-pintura-em-mural-do-mundo-inaugurada-no-boulevard-olimpico-19819307>> acessado em: 10 nov. 2017.

TAVARES, A. **Ficções urbanas: estratégias para a ocupação das cidades**. ARS online, vol.8, n.16, p. 21-30. ISSN 1678-5320, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ars/v8n16/02.pdf>> acessado em: 21 out. 2017.